

COMO ETNOGRAFAR UM *MUNDO EM QUE TUDO GIRA, GERA E MEXE?* APONTAMENTOS SOBRE OS MOVIMENTOS DOS “HABITANTES” DE PINHEIRO

Yara Alves
yara.c.alves@gmail.com
CNPq
PPGAS/USP
Mestranda

Este texto tem como objetivo mostrar os desafios antropológicos em etnografar um *mundo em que tudo está mexendo*, como classificam os *moradores* de Pinheiro, localidade rural, auto-denominada quilombola, situada no Vale do Jequitinhonha- MG. Compreender que o *movimento* tem um lugar central nas diversas formas e escalas da socialidade nos coloca a instabilidade como motor da pesquisa e da etnografia realizada. Assim, as nuances da circulação nos permite ir além das *saídas para trabalhar*, observar os vários e multifacetados sentidos deste *mundo que gira, gera e mexe*, em que pessoas se inserem em idas e vindas cotidianas, em que Pinheiro se faz como o *lugar da gente*. Desta forma, mais do que criar uma totalidade abstrata, o texto tenta indicar as incompletudes de uma etnografia que se move, que nunca está atualizada ou circunscrita.

Palavras-chave: Movimento, Lugar, Circulações, Etnografia.

INTRODUÇÃO

Apresentado de uma maneira genérica e englobante, Pinheiro pode ser compreendido como uma localidade quilombola, situada na zona rural de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha- MG. Pode-se acrescentar ainda que está inserido num contexto regional, marcado por *saídas para trabalhar*¹, que envolvem tanto aqueles que ficam no Vale do Jequitinhonha, quanto os que *saem*, envolvidos em múltiplos deslocamentos pelo país. Há uma gama de lugares para os quais os *moradores* de Pinheiro se deslocam, ocupando variados cargos e atividades, que se relacionam com cortes etários e de gênero. Estas tendências se intensificaram na região a partir dos anos 1960, e são fluidas, mas são historicamente realizadas por homens, em idade ativa.

¹ O uso do itálico é destinado aqui para expressões e categorias nativas, suas formas de nomear e teorizar sobre os processos vividos e aqui tematizados.

Este panorama abstrato e generalizante não demonstra muito do que se passa para além de um imaginário construído sobre a região, conhecida como “Vale da Miséria”² ou “Vale da Pobreza”, o qual foi politicamente apresentado como região mais “atrasada” do estado de Minas Gerais, responsável por diminuir os indicadores estaduais de desenvolvimento, e extremamente afetada por desequilíbrios naturais, como a seca, o que a colocaria em um quadro crônico, insuperável por qualquer tipo de intervenção estatal. Visto assim, o Vale do Jequitinhonha se constrói como polo expulsor de mão de obra, entendida como “desqualificada” e a “migração” ali instaurada era a única solução possível para a sobrevivência daquelas famílias.³

Quando conheci Pinheiro, em 2009, outro universo se colocou diante de mim⁴. O quadro de intensas *saídas para trabalhar* existia, mas a região era estimada por seus habitantes, que valorizavam uma série de aspectos positivos do que eles chamavam de *lugar da gente*. Apesar de tomar grande parte das conversas, a “migração” ganhava contornos distintos dos que eram apresentados por sociólogos, demógrafos e historiadores. Assim, a crítica levantada por Palmeira e Almeida (1977), referente ao esvaziamento de conteúdo analítico no campo dos estudos sobre “migração”, marcado por um migrante genérico, descontextualizado de suas relações sociais, se fazia atual e significativa.

² O uso das aspas indica expressões e palavras que não são utilizadas por meus interlocutores e que se referem a posicionamentos, sejam políticos (como as expressões “Vale da Miséria, que eles conhecem mas negam a utilização) ou teóricos, que possuem uso dentro da antropologia e que não poderia citá-los sem indicar que são conceitos que não foram criados por mim.

³ Autores como Moura (1988), Amaral (1988) e Silva (1999) apresentam críticas muito pertinentes sobre a apropriação política que embasa a construção dos estereótipos sobre o Vale do Jequitinhonha. Vale ressaltar que no período militar, a região teve parte de seu território classificado como “terras devolutas”, as quais foram doadas para empresas monocultoras, em grande parte. Resultante disto é o fato de atualmente a região ser uma das mais expressivas plantações contínuas de eucalipto da América Latina.

⁴ Conheci Pinheiro em 2009, por meio do Projeto de Extensão Lições da Terra, do qual participei nos anos de 2009, 2010 e 2011, sempre em Pinheiro. Desta interação surgiu a ideia da pesquisa de Iniciação Científica intitulada “A construção da realidade social na comunidade quilombola Pinheiro: Um estudo sobre as *viúvas de maridos vivos*”, financiada pelo PROBIC/PUC-MG. Nessa pesquisa, analisei o processo de construção social das “viúvas de maridos vivos”, expressão pela qual as mulheres de Pinheiro se identificam e são reconhecidas. Para tanto, realizei trabalho de campo em 2011 e 2012. Um dos principais apontamentos da pesquisa foi a centralidade das interações entre mulheres de uma mesma família, que permitem a *saída* masculina, por meio da organização e gestão dos *terrenos* familiares. Esta relevância da família baseou as delimitações e abordagens sugeridas no projeto de pesquisa para o mestrado.

Motivada por um olhar menos geral e mais íntimo, o objetivo central da pesquisa de mestrado que desenvolvo - iniciada em 2013 - é compreender como as configurações e relações familiares se desenham em um contexto de intenso movimento dos habitantes de Pinheiro, motivados por *saídas para trabalhar*, mas vivenciado no interior e entre suas casas, no cotidiano de suas trajetórias de vida, para além de números ou prospecções sociológicas. Inicialmente, propus uma “etnografia multisituada”, com desenvolvimento de trabalho de campo em dois lugares: Pinheiro, principalmente no período de retorno dos moradores, aos finais de ano; e Barrinha, município do interior de São Paulo que se constitui como uma tendência recente de deslocamento dos moradores, que além de homens- principais envolvidos nas *saídas para trabalhar*- tem atraído mulheres e suas crianças.

Ao longo da pesquisa, tenho observado que o *movimento* é algo central na vida destas pessoas, que mais do que *saírem para trabalhar*, concebem que *o mundo está sempre mexendo*, que *a vida nunca está do mesmo jeito*, que *do amanhã nunca se sabe*. Mais do que um recurso retórico, esta imprevisibilidade é levada a sério e nada impede que alguém que esteja em Pinheiro se desloque para qualquer outra cidade que tenha um parente, ou que alguém que esteja em outro estado, ou em outra região do país resolva *ir de muda* para Pinheiro, o que pode ser resolvido *de uma noite para o dia*. Observo também que o *ir de muda* não significa voltar definitivamente e o movimento contrário, *a saída*, mesmo que acompanhada das mulheres e crianças, não é um rompimento com Pinheiro e nem um estabelecimento completo no outro lugar. São vidas que são vividas sempre com a possibilidade da incerteza, de *movimentos* múltiplos - encarados de maneiras diversas e altamente valorizados - um motor existencial, muito mais do que um recurso econômico. Além disso, apesar de passarem cerca de dez meses fora de Pinheiro, estes sujeitos continuam afirmando ser *moradores* de Pinheiro, e apenas *trabalhando fora*, neste determinado período. A forma como lidam com esta ausência, de uma maneira tanto quanto presente, requer o uso de uma teoria que não nos limite a uma porção circunscrita de um território, mas que valorize este *movimento*, o que foi ao encontro das afirmações de Ingold (2011). Para o autor, a noção de “habitante” permite tratar de pessoas que não estão circunscritas a apenas um lugar, assim como suas experiências de vida. Assim, as distinções entre “ocupar” e “habitar”, propostas

pelo autor, são significativas e relevantes para compreendermos como Pinheiro continua sendo uma referência de pertencimento diante de tantos movimentos.

Apesar de mostrar como este movimento se dá, o principal objetivo deste texto é mostrar os desafios trazidos por uma etnografia realizada com pessoas que sempre estão em *movimento*. Como etnografar contextos que nunca estão delimitados? Como lidar com a sensação de que minha escrita etnográfica está sempre ultrapassada, dado as constantes modificações na vida destas pessoas? Como manejar a literatura antropológica diante de dados que me colocam em impasse com tradições consolidadas na disciplina (como os estudos sobre identidade e território)? Como compreender e realmente “levar a sério” o que os nativos concebiam como motor existencial? O que eu posso fazer para minimamente trazer o movimento para minha etnografia? Estas questões me colocaram desafios teóricos, metodológicos e impasses que ainda se desenham e redesenham no caminhar da pesquisa.

GANHANDO SABEDORIA SOBRE UM MUNDO QUE ESTÁ SEMPRE MEXENDO: AS ANDANÇAS DA (E NA) PESQUISA

O mundo gira, o mundo gera está tudo mexendo. Esta frase foi pronunciada pelo Sr. Noé, em uma tarde de janeiro de 2014, em uma das casas de Pinheiro. Ele analisava *a vida*, que para ele é *um troço engraçado*. *A vida nunca está do mesmo jeito*, pois, *o mundo gira, o mundo gera, está tudo mexendo*. Sr. Noé falava da *vida* e do *mundo* ao analisar que tinha passado mais de 30 anos sem ir àquela casa, em que agora vivia seu sobrinho, que se casou com a filha mais nova da família. Ali, naquela casa, já viveram muitas pessoas, *era uma casa cheia*, lembrava ele. Lembrava do tempo em que namorou a filha mais velha da família, e que *por mod'malandragem* a moça rompeu o relacionamento. Desde então, ele nunca tinha voltado ali e nem imaginava que voltaria. Com o casamento do sobrinho, ele percebeu que muitas coisas tinham *mexido*, muitos *giros* a vida tinha dado e *o mundo* tinha *gerado* outras circunstâncias, o que permitia que ele retornasse. Sr. Noé foi muito bem recebido e, durante a longa prosa que presenciei, ele estava empenhado em falar do *movimento da vida*, que separa e une, faz morrer e nascer, faz a colheita crescer e ser colhida, faz as pessoas irem e virem. Ele olhava para a casa e repetia, inúmeras vezes, que tudo estava *mexendo*. Aquela casa

mexia, dizia ele. Não era a mesma casa que ele foi há 30 anos. Já não tinha a *dona da casa*, que tinha falecido, já não tinha um amontoado de vozes dos filhos que se mudaram para Nova Serrana, onde trabalham⁵. Mas, agora tinha seu sobrinho, a esposa dele e a bebê, prova de que o mundo *mexe, gira e gera*.

A fala do Sr. Noé foi mais uma dentre as várias que ouvia sobre as formas como os *moradores* de Pinheiro concebem *a vida*. Já tinha observado que eles possuem um verdadeiro fascínio por todas as formas de *movimento*: gostam de andar, ir *na cidade*, falar como foram, com quem e quando foram, quanto tempo gastaram. Gostam de falar das viagens que fizeram ou que seus parentes realizaram, do veículo que foram transportados, das paradas, do tempo de deslocamento, das condições das estradas, do medo que sentiram, dos sonhos que precedem as viagens, dentre outros. Além disso, gostam de falar das idas e vindas suas e dos outros dentro de Pinheiro, das visitas que recebem e que realizam cotidianamente, dos rastros que ficam marcados nas estradas, muitos deles reconhecíveis pelo *jeito de caminhar*. Contudo, essa atenção conferida ao *movimento* se expressa em vários contextos e extrapolava um único sentido.

O próprio Sr. Noé analisava que sua vida mudou muito nestes últimos 30 anos. Ele tinha feito muitas *andanças*, pelo Brasil inteiro. Citou uma dezena de cidades onde *andou por ali tudo*. Rapidamente, seu sobrinho repetiu algo que eu ouvia sempre: *Andar é bom. A gente ganha sabedoria*. A relação entre *sabedoria* e *andanças* me parece direta, porém multifacetada. Não apenas as *andanças* nas *saídas para trabalhar* fazem ganhar *sabedoria*. *Andanças* variadas, como dentro da *comunidade*, também são importantes para que se tenha *sabedoria* sobre *o lugar*. È andando que se apreende onde os antepassados moravam, pelos *restos de casa* que ainda existem nos *terrenos*, até onde vão as terras de cada família, onde são os pontos de referência. Vale ressaltar que em Pinheiro observo algo próximo do que Marcelin (1996) denominou de “configuração de casas”, no Recôncavo Baiano, uma vez que uma casa não pode ser interpretada como unidade fechada e separada das demais casas do *terreno* familiar, marcado por uma circulação constante entre casas, que se interconectam.

⁵ O sogro do seu sobrinho também residia ali, era idoso e como ficou viúvo, era *por obrigação* que a filha mais nova não se mudasse para o *terreno* do marido, como geralmente fazem as demais mulheres.

Assim, as casas não se constituem de forma totalmente independente e autônoma e andar cotidiana e rotineiramente dentre elas é uma convenção fundamental para produzir familiaridade.

Andar é importante também *na cidade*, a zona urbana do município de Minas Novas. É preciso *andar na cidade*, para *ganhar sabedoria* sobre os comércios, as casas de amigos e parentes, os locais onde os habitantes de Pinheiro circulam e onde é possível encontrar carona e um conhecido, dentre outros. É preciso conhecer os pontos de referência *na cidade*, assim como em Pinheiro, que são provas cabais de que se tem *sabedoria do lugar*. Portanto, saber onde fica a *mangueira de Joana* (mangueira que fica de frente os *restos de casa* de Joana, que faleceu há décadas) é fundamental para mostrar *sabedoria* sobre Pinheiro, porém, não é menos importante *saber* localizar a *sapucaia*, quando se fala ou se caminha *na cidade*, o que é importante para se provar que se tem *sabedoria* da área urbana de Minas Novas e, logo, que já se *andou por ali*.

No âmbito político mais amplo, a inserção no movimento quilombola, desde 2005, coloca os habitantes de Pinheiro diante de outras possibilidades de projetos sociais e de acesso a possíveis melhorias de vida, mas destaca-se a *sabedoria* que as *andanças* pela associação conferem àqueles que se engajam no movimento. As diversas viagens para eventos variados, como encontros quilombolas, lançamentos de projetos, palestras, cursos, geram muitos comentários e aumentam o escopo de lugares visitados e conhecidos. Tal como analisado por Mello (2008), que percebeu o quanto seus interlocutores de Cambará valorizavam a possibilidade de conhecer muitas pessoas, através do movimento quilombola, em Pinheiro eles admiram a possibilidade de conhecer outros lugares, não apenas fisicamente, mas outras realidades, que são sempre trazidas nos eventos de comunidades tradicionais, em que o histórico e os problemas desses outros lugares são expostos e problematizados. Saber sobre a vida dos *companheiros* (que envolve não apenas quilombolas, mas também índios, assentados do MST, caiçaras, raizeiros, geraizeiros, dentre outros) alarga o escopo de comparação e visitar outras cidades e até outros países (como a visita que fizeram a Itália), valoriza ainda mais a necessidade de *andar* para conhecer, para *ganhar sabedoria*.

Aos poucos eles vão sendo reconhecidos por este movimento e a Aprompig⁶ (associação local) se consolida, uma vez que o movimento quilombola passa a ser visto como um caminho para sua maior visibilidade, que no processo de engajamento nas discussões sobre a temática tornou-se a ser referência local sobre o tema e vem ampliando sua estrutura política. Digo isto porque somente depois de inserida no movimento quilombola a Aprompig conseguiu uma sede, teve aprovados projetos significativos e conquistou mais membros. Assim, não como manejo instrumentalizado, mas como consequência do movimento quilombola, a associação local começou a ser vista, a contabilizar no cálculo e no jogo político, seja no âmbito das quatro comunidades ou no âmbito municipal. Vale ressaltar que atualmente a Aprompig conta com aproximadamente 250 membros, sendo uma das maiores associações do município de Minas Novas. Porém, mais que o número de membros, o que mais motiva as lideranças são suas *andanças*, o *movimento* que a Aprompig cria em suas vidas, a possibilidade de conhecer outros lugares e ter *sabedoria* sobre eles.

Friza-se ainda que até o momento Pinheiro não reivindicou a titulação de suas terras junto ao INCRA, uma vez que afirmam não desejar abrir mão da gestão familiar que ali vigora historicamente (denominado *terra no bolo*⁷) em detrimento do modelo estatal de demarcação. É neste sentido que digo que a perspectiva de *movimento* colocada pelos interlocutores não pode ser subjugada a favor de uma crescente tradição que envolve os estudos antropológicos sobre comunidades quilombolas, muito mais próxima dos aspectos territoriais e identitários. Mais do que pensar em uma totalidade fechada e circunscrita,

⁶ Macuco, Pinheiro, Mata Dois e Gravatá são quatro localidades que formam uma associação local, a Associação dos Moradores e Produtores Rurais das Comunidades de Macuco, Mata Dois, Pinheiro e Gravatá (Aprompig), desde 1996. A Aprompig surge da iniciativa dos moradores de se entenderem enquanto coletividade, estimulados pelas CEB's, que marcaram presença na região. Segundo as lideranças da Aprompig, eles fundaram a associação porque observaram que era necessário *fazer reunião*, que só assim podiam melhorar um pouco a vida *na roça*, em um momento político que os programas sociais do governo federal eram bem menos efetivos. Quando tomaram conhecimento do movimento quilombola, essas lideranças da Aprompig promoveram uma série de discussões sobre o tema e levaram aproximadamente dois anos (de 2003 a 2005) para resolver acrescentar ao nome da associação o termo "quilombola", embora sem alterar a sigla anterior. Essa mudança ocorreu em uma assembleia extraordinária e foi registrada em cartório, possibilitando assim a requisição do reconhecimento da Fundação Cultural Palmares. Segundo aquelas lideranças, a inserção no movimento quilombola era vista como uma possibilidade de acesso a políticas públicas específicas, principalmente as ligadas à geração de renda e educação.

⁷ O sistema de *terra no bolo* é baseado na herança familiar de um *terreno* e não em uma divisão individualizada das porções de terra. Assim, cabe aos membros familiares, principalmente os ascendentes mais velhos, gerenciarem o território que possuem, sem uma lógica formal/jurídica que os defina.

pensada a partir de categorias de reconhecimento, pretendo considerar as diversas maneiras e planos de interação que formam o *lugar da gente*, levando em conta o movimento que os perpassa, num *mundo em que tudo está mexendo*. A etnografia de Santos (2014) é um exemplo recente e instigante dentro da temática quilombola, em que as formas locais de concepção dos caminhos e das diversas formas de caminhar entre os habitantes de Pedro Cubas (SP) possibilitam uma profundidade de interconexões, seja entre vivos e almas, entre estes e o território.

Ao longo da pesquisa, fui percebendo que andar é importante para meus interlocutores e também para mim. Notadamente, eu só consegui entender isso por me envolver nas *andanças*, sozinha e com os *moradores*. Ir *na cidade*, nas localidades vizinhas e em outras casas de Pinheiro com meus interlocutores me conferiu *sabedoria* de algumas formas de *andanças*, o que se apresenta como principal caminho metodológico seguido na pesquisa. Ao longo do tempo foi ficando claro para mim que *andar* era algo que me incluía, pois eu *sabia andar por ali tudo*, primeiro e mais profundo ponto de aproximação estabelecido comigo. Fora a *sabedoria* que eu ia *ganhando* nas minhas *andanças* ordinárias, *andar* com eles, era algo privilegiado, como as festas em que eu os acompanhava, as reuniões na associação local as quais eu frequentava, as reuniões com o prefeito, as visitas nas casas de parentes que eu me inseria, as *caças* de pequi em que me juntava às crianças e velhos. Além de *andar* com eles no âmbito local, os encontrava em eventos estaduais e nacionais, que envolviam a pauta quilombola e que eu fazia *andanças* para chegar até lá, assim como eles. Assim, os encontrei em Belo Horizonte, por inúmeras vezes, em Itabira e Araçuaí, interior de Minas, e em São Paulo.

A decisão de encontrar e conviver com parte dos *moradores* em Barrinha foi uma iniciativa que ia ao encontro desta metodologia, e que neste sentido, foi eficaz. O que eu não posso considerar como eficaz foi a tentativa de realizar uma “etnografia multisituada”, o que eu não considero ter realizado, por me incomodar com alguns pressupostos que lhe são subjacentes. Diante dos rumos que a pesquisa ganhava, sentia que Barrinha era mais um posto de observação sobre um mesmo lugar. E Pinheiro me parecia cada vez mais ter múltiplos significados, um lugar não apenas do espaço, mas entrecortado por outros lugares, para o que

até então eu não tinha dado a devida atenção, ou simplesmente não tinha percebido. A estadia em Barrinha clareava a minha visão sobre Pinheiro, em diversos aspectos, mas me colocava uma série de questões: Estaria eu fazendo uma “etnografia multisituada”? Será que Barrinha era um outro campo, ou, uma extensão de um campo de que eu já era íntima e sobre o qual já tinha adquirido maior autoridade etnográfica? Como conseguir profundidade na análise de um lugar em que os interlocutores não se envolvem com profundidade? Será que eu não estava lidando corretamente com a metodologia que propus ou deveria entender que ela não me auxiliava? Afinal, os lugares já não são multisituados por eles mesmos? Se o são, a etnografia, mesmo realizada em apenas um local, também não deveria ser multisituada, por natureza?

Meu incômodo se dava, em grande parte, pela adoção apressada de um termo e de uma metodologia sobre a qual não tinha previsto as devidas consequências. Tal como apontado por Hage (2005), a etnografia multisituada é muitas vezes apreendida como algo imediato, sem grandes problematizações, o que vem trazendo apontamentos críticos interessantes para este conceito. Apesar da validade deste tipo de abordagem, dado o momento de grande interconectividade das pessoas, lugares e conteúdos, seu uso não deixa de trazer novas questões para a antropologia. Hage (2005), que estudou famílias libanesas envolvidas em trânsitos transnacionais, aponta a problematização sobre o que é um lugar como o principal incômodo gerado pela tentativa de uma etnografia multisituada, inicialmente empreendida por ele. O autor percebeu que não fazia uma etnografia multisituada quando delimitou seu objeto de análise, correspondente ao lugar ocupado pela família transnacional – um lugar geograficamente descontínuo e globalmente propagado, mas que não deixava de ser um lugar. Ao observar as relações sociais que acontecem com os grupos de pessoas situados em alguns países de destino, Hage observou que mais do que não seguirem uma rota, seus interlocutores se baseavam em suas raízes, diferenciando-se da condição diaspórica, caracterizada por ser mais rizomática.

Nesse sentido, penso que os dados apresentados aqui não têm um estatuto de uma pesquisa multisituada, tal como pensado no projeto inicial. Primeiramente, não estou etnografando dois lugares físicos, mas as configurações familiares de pessoas que se deslocam e transitam entre Pinheiro e Barrinha, mas também entre muitos outros lugares. Cabe aqui a

crítica levantada por Ingold (2011) sobre o uso abstrato da categoria “espaço”, que não propicia uma visão aberta das tramas tecidas pelos seres humanos. Segundo o autor, a noção de lugar é mais concreta e pode elucidar uma análise menos circunscrita que a noção de espaço, uma vez que a partir de um lugar sempre se pode olhar para fora, para outros lugares e outras extensões. Assim, um lugar pode ir além dos limites espaciais que o envolvem e as vidas são vividas e experimentadas não dentro dos lugares, mas na relação entre lugares, em torno e por meio deles. A teoria de Ingold ilumina o caso dos *moradores* de Pinheiro por trazer o movimento como o motor da existência humana, que não deve ser tomada por uma perspectiva estritamente espacial, mas sim levar em conta as trilhas dos caminhos percorridos por eles. Para Ingold, nestas trilhas as vidas se entrelaçam, formando nós. Estes nós possuem densidades diferentes, sendo mais densos quanto mais entrelaçadas são estas trilhas.

Para mim, a importância conferida a Pinheiro se deve ao alto nível de interligação destas trilhas. Há uma densidade considerável nas relações estabelecidas não apenas com as pessoas ali existentes, mas com os lugares que Pinheiro contém e principalmente com as casas construídas ali. Em Barrinha, passei a entender Pinheiro como um lugar físico, mas também composto de elementos que transitam. Um lugar que não deixa de existir no exato ponto geográfico que se funda, mas que desenvolve suas tramas em outros pontos, outros lugares. Assim, há um conjunto de forças que recaem sobre Pinheiro, de certo modo correspondente a uma força centrípeta, ponto de imantação que atrai informações e circulações, as quais não se contrapõem ao retorno e a importância conferida à *comunidade*. Por mais que Pinheiro também possa ser pensado como um ponto de força centrífuga, que desenha vários vetores de *saída* que se espalham por cidades variadas do país, como Barrinha, Nova Serrana (MG), São Manoel (SP), Piuí (MG), entre outros destinos mais frequentes das *saídas*, ele é reconhecido como *o lugar da gente*.

Assim, Barrinha me parece se constituir como um ponto em que se configuram e reconfiguram relações que não necessariamente se circunscrevem apenas presencialmente. Os familiares que se instalam ali se vêem, conversam, trocam coisas, brigam, reatam, convivem. Mas, não posso desconsiderar as maneiras variadas que a família é ativada, incluindo membros situados à 1100 Km de distância, em Pinheiro. As demoradas ligações telefônicas,

as notícias e fotos que chegam pelas redes sociais, os envios de encomendas, as visitas e outras práticas, se revelaram como um material fundamental para a compreensão destas famílias que se dispersam fisicamente, mas perseveram no tempo e nos diferentes lugares, mantêm-se informadas e atualizadas de detalhes triviais dos cotidianos daqueles que dela fazem parte. Barrinha é um ponto de observação desses movimentos, um ponto da malha de lugares habitados pelos moradores de Pinheiro, com o diferencial de envolver as mulheres e suas crianças.

Em Barrinha, *o lugar da gente* é a referência para comparações e lembranças, dificilmente nomeado como Pinheiro. Ali é mobilizada uma categoria mais genérica de identificação, *Minas*. Referem-se à Pinheiro como *Minas* em muitas ocasiões e dizem que não querem se esquecer de que são *da roça, mineiros de pé rachados* e, caso se esqueçam, são fortemente lembrados disso pelos demais familiares, sob o perigo de serem ultrajados, criticados e até rejeitados. Apesar dessa aparente homogeneização, em torno da categoria *mineiros* as diferenciações mais sutis de Pinheiro, as reputações das famílias e de seus *terrenos* não deixam de existir em Barrinha, como pretendo abordar na dissertação.

Neste redemoinho de idas e vindas, minha etnografia se desenha como uma incompletude, sem um fechamento exato, tendo como determinação mais formatada apenas o período de tempo, já que não se realiza em somente uma porção do espaço. Minhas idas aos campos e minha escrita etnográfica são marcados por contextos que podem (e vão) se alterar significativamente, em uma velocidade significativa.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Em Pinheiro ou em Barrinha eu observei que as pessoas e suas relações nunca estão totalmente determinadas ou circunscritas em apenas um lugar. O que eu escrevo, quando chego do trabalho de campo, também não é algo que seja uma reflexão fechada, mas apenas a organização de fatos que acontecem em um tempo específico e que me indicam pistas de componentes importantes da socialidade de meus interlocutores. A sensação de que minha etnografia nunca está atualizada foi aos poucos se tornando menos problemática, pois, comecei a encará-la como condição para um trabalho de pesquisa que realmente traz o

movimento destes sujeitos como existencial e que não deve (e esta é a tentativa) tentar estabilizá-lo.

Paralelo a isto, eu fui desenvolvendo técnicas fundamentais para ganhar sabedoria sobre Pinheiro e seus moradores. *Andar e andar* com eles é o mais importante, mas aliado a isto, adotei as ligações telefônicas como forma de me inserir no *movimento* cotidiano de circulação de notícias, o que me possibilitou acompanhar mais de perto as idas e vindas, os motivos formulados para tal, a elasticidade das relações familiares.

Vale ressaltar que estas reflexões são ainda muito parciais e não sei até que ponto deixarão de ter este caráter, apesar de estar atenta às coerências e recorrências dos *movimentos*. Mais do que uma busca por uma totalidade, considero como *os movimentos* podem compor e recompor partes e todos (Strathern, 2014), que para além do sistema de parentesco ou da noção de sociedade, analisados pela autora, podem nos auxiliar a pensar a perspectiva antropológica acerca das relações, das incompletudes e instabilidades dos mundos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Leila. Do Jequitinhonha aos canaviais: Em busca do paraíso mineiro. Vol. 1. Dissertação de mestrado. FAFICH, 1988.
- HAGE, G. A not so multi-sited ethnography of a not so imagined community. *Anthropological Theory*. Vol 5 (4), 463-475, 2005.
- INGOLD, Tim. *Being Alive. Essays on movement, Knowledge and description*. Canadá: Routledge, 2011.
- MARCELIN, Louis. MARCELIN, Louis H. *L' invention de la famille afro-americaine: famille, parenté et domesticité parmi les noirs du Recôncavo da Bahia, Brésil*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ. Tese de Doutorado, 1996.
- MELLO, Marcelo Moura. *Caminhos criativos da história: Territórios da memória em uma comunidade negra rural*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.
- MOURA, Margarida Maria. *Os deserdados da terra: a lógica costumeira e judicial dos processo de expulsão e invasão da terra camponesa no sertão de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- PALMEIRA, Moacir. ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *A invenção da migração. Projeto Emprego e Mudança Socioeconômica no Nordeste*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1977.
- SANTOS, Alessandra Regina. *Nesse solo que vós estais, lembrai-vos que é de morrer. Uma etnografia das práticas de caminhar, conhecer e mapear entre os habitantes de Pedro Cubas*,

um Remanescente de Quilombo do Vale do Ribeira. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2014.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Errantes do Fim do Século. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

STRATHERN, Marilyn. Partes e todos: Refigurando relações. In: O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2014.